



Agricultura Familiar:

Pesquisa, Formação e Desenvolvimento

RAF. v.18 , nº 02 / jul-dez 2024, ISSN 1414-0810 / E-ISSN 2675-7710

AGRICULTURA PARA ALÉM DO CAPITAL

RESENHA

CALDART, ROSELI SALETE. **A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO CONCEITO DE METABOLISMO E A AGROECOLOGIA**. SÃO PAULO: EXPRESSÃO POPULAR, 2024. 93 P.

André Carlos de Oliveira Rocha, Doutor, INEAF-UFPa, agro.andre@yahoo.com.br

Este é um livro que surge no seio da classe trabalhadora, mais especificamente nos debates, estudos, e por que não, na luta dos camponeses Sem Terra. Apoiada em um coletivo de militantes, educadores, que há alguns anos vêm elaborando em torno da temática da agroecologia, a autora, uma pedagoga, uma educadora, militante e intelectual orgânica, para usar um termo de Gramsci, traz à luz esta obra. Nada mais coerente do que a edição vir por uma editora concebida por um movimento camponês de massas, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Sobre a autora, pós-graduada em educação, tem dentre suas produções escritas a obra *Pedagogia do Movimento Sem Terra*, publicada pela editora Expressão Popular no início dos anos 2000. Contribuiu na organização de outras obras sobre educação, educação do campo, formação de educadores e pedagogia socialista, em grande parte tendo o MST como sujeito. Pode-se destacar: *Como se formam os sujeitos do campo? Idosos, Adultos, Jovens, Crianças e Educadores*, publicada pelo NEAD, em 2006; *Dicionário da Educação do Campo*, em 2012; e *Pedagogia Socialista: Legado da Revolução de 1917 e Desafios Atuais*, em 2017, sendo as duas últimas publicadas pela editora Expressão Popular. A partir daí, Caldart adentra no tema da agroecologia, organizando *Caminhos para Transformação da Escola nº. 4: Trabalho, Agroecologia e Estudo nas Escolas do Campo*, 2017, pela Expressão Popular. Enfim, nas palavras da autora, “uma pedagoga interessada nessas questões de futuro que tem o privilégio de



CALDART, ROSELI SALETE.
A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA
DO CONCEITO DE
METABOLISMO E A
AGROECOLOGIA. SÃO
PAULO: EXPRESSÃO
POPULAR, 2024. 93 P.

interlocuções fecundas em nosso Movimento”.

Com a ousadia que é própria dos Sem Terra, e comum de se ver em quem não se contenta em interpretar o mundo, mas pulsa a vontade de transformá-lo, levando à prática a 11ª tese de Marx a Feuerbach, Roseli Caldart presentia com reflexões pertinentes os leitores, estudiosos e militantes da agroecologia.

Nas palavras da autora, o “ensaio segue aberto a ajustes, complementos e comentários críticos” (p. 11), e a presente resenha tem esse objetivo: contribuir com reflexões sobre o livro, a partir de uma práxis militante na agroecologia.

O livro dialoga com uma literatura marxiana e marxista, trazendo ao encontro, ou confluindo, ciências naturais e ciências sociais. Algo multidisciplinar, ou transdisciplinar, o que é próprio da vida real dos seres humanos, e que mais recentemente a academia começa a enxergar. Ressalta-se que ainda é uma posição contra hegemônica. Esses dois pontos, perspectiva materialista histórica e dialética e abordagem transdisciplinar, precisam ser valorizados, considerando que a agroecologia e a academia estão em disputa na sociedade.

A autora define práxis agroecológica como:

uma forma de agricultura constituída nas práticas camponesas diversas, disputada em lutas sociais de classe e sistematizada como características e princípios gerais de um sistema de produção que envolve múltiplas dimensões da relação metabólica ser humano e natureza (p. 15).

E completa dizendo que só se realiza na superação das rupturas metabólicas ocasionadas pelo capital, e que colocam em risco diversas formas de vida na Terra, inclusive os seres humanos.

Em crise, o capital tenta reagir, para manter suas taxas de lucro, e surgem termos como “capitalismo verde” ou “capitalismo sustentável”, mas que não passam de um grande “*greenwashing*”. Isso porque o metabolismo do capital, ou a reprodução sociometabólica do capital, não possibilita a tríade: extração de mais-valia, acumulação e manutenção das relações harmônicas do ser humano com a natureza.

Nesse ponto, a afirmação da autora é direta: “as relações sociais de produção capitalistas são estruturalmente incapazes de promover a reconstrução ecológica e social



CALDART, ROSELI SALETE.
A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA
DO CONCEITO DE
METABOLISMO E A
AGROECOLOGIA. SÃO
PAULO: EXPRESSÃO
POPULAR, 2024. 93 P.

da agricultura como alternativa abrangente” (p. 16).

Contraditoriamente, o conceito de agroecologia vem sendo ou, pelo menos, tentado ser apropriado pelo capital, em uma camuflagem verde, mas sem o metabolismo vivo de um camaleão, e com seu metabolismo falho para este fim, o capitalismo deixa aparecer suas cores de podridão aparecerem por baixo do verde. É, portanto, um conceito em disputa, como afirmam Rocha e Nobre (2017).

Por mais que seja uma primeira aproximação, ou nas palavras da autora, um “movimento propondo um caminho de estudo” (p. 10), não tira mérito, ao contrário, valoriza, pois um primeiro passo foi dado, e no caso da presente obra, um passo firme e promissor. Imputa assim, que outros e outras tomem em mãos, e elaborem mais sobre a temática.

Que essa obra seja, então, “parte em um esforço coordenado mais amplo de estudo científico e ação massiva sobre o motor gerador da crise social e ambiental que atravessamos. Esforço que é necessidade imperativa da nossa época” (p. 10).

Caldart mobiliza Marx para dizer que a regulação de um metabolismo, pode-se dizer sustentável, do ser humano com a natureza, só poderá ser feita coletiva, conscientemente e através da associação dos produtores associados.

Daí, uma lacuna no livro, e ponto importante para futuras elaborações, é a organização coletiva dos camponeses e camponesas. Por mais que a autora toque no ponto da cooperação camponesa, na sua síntese de compreensão da práxis agroecológica em seus fundamentos, esse elemento é bem tangencial. Síntese essa que pode ser considerada a grande contribuição da obra, e por esse motivo a autora dedica mais de um quarto do livro.

Dividida em 34 pontos, em um esforço majestoso, a autora abre um leque de análises e possibilidades analíticas, dando conta do que se propôs, dar o primeiro passo na aproximação do conceito de metabolismo com o de práxis agroecológica, numa perspectiva de superação da agricultura capitalista, e em última análise, da superação do modo de produção capitalista.

Destacam-se, nesta resenha, dois pontos dessa síntese: 1) a forma camponesa de



CALDART, ROSELI SALETE.
A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA
DO CONCEITO DE
METABOLISMO E A
AGROECOLOGIA. SÃO
PAULO: EXPRESSÃO
POPULAR, 2024. 93 P.

trabalho e 2) a agroecologia em disputa. Sobre o primeiro ponto a autora discute as características específicas dessa forma de trabalho, que tem por finalidade a “reprodução da vida social das famílias e comunidades camponesas” (p. 80), focando a produção de alimentos e orientada pelo valor de uso. Trabalho, esse, associado à luta pela terra e território, que sendo familiar, tende “a relações de reciprocidade e entreatajuda no âmbito das comunidades, que podem chegar a processos mais complexos de cooperação” (p. 80-81). Cabe, em futuros trabalhos, o aprofundamento na questão da organização do trabalho associado, coletivo e cooperativo.

O que está sendo defendido aqui é que o debate da cooperação e do cooperativismo precisa ser priorizado na discussão de uma nova ordem sociometabólica, pauta essa defendida, por exemplo, por Alexander Chaynov (2017), durante os anos iniciais da Revolução Russa. Relações de reciprocidade, trabalho associado e cooperado, organizações cooperativas, todos são elementos centrais no debate sobre uma agricultura para além do capital.

O segundo ponto, “uma questão historicamente em aberto” (p. 84), é se, nas palavras da autora, “o avanço da práxis agroecológica fornecerá ‘energia’ para um novo ciclo ‘metabólico’ do sistema capitalista ou será transformada em força que acelere sua superação, a partir do potencial subversivo que sua matriz produtiva detém” (p. 84). Portanto, entender e analisar a luta de classes se torna condição fundamental para o debate e a construção da práxis agroecológica. Nesse sentido, o materialismo histórico-dialético, enquanto método, e o conceito de metabolismo, enquanto categoria teórica, são imprescindíveis.

A provocação feita por Caldart foi lançada: “a forma capitalista de agricultura precisa ser superada para garantir o futuro da humanidade” (p. 15-16), pois, como falou Mészáros, em diálogo com a famosa frase de Rosa Luxemburgo, “socialismo ou barbárie”, vamos chegar na barbárie, isso se tivermos sorte. Caldart argumenta que o desafio colocado é mostrar na prática e cientificamente que “há alternativas estruturais ao modo capitalista de produzir” (p. 84-85).

Na prática, os camponeses e camponesas já vêm fazendo. Cientificamente, esse é



CALDART, ROSELI SALETE.
A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA
DO CONCEITO DE
METABOLISMO E A
AGROECOLOGIA. SÃO
PAULO: EXPRESSÃO
POPULAR, 2024. 93 P.

o papel de intelectuais orgânicos. Mostrar que é possível, se a agroecologia for “uma práxis transformadora [...] construída com luta, relações sociais dialógicas, autonomia, organização e trabalho coletivo” (Rocha; Nobre, 2017, p. 301). Dessa forma, a agroecologia se torna a “ofensiva socialista” (Mészáros, 2002, p. 787) na agricultura, será uma agricultura para além do capital.

REFERÊNCIAS

CALDART, Roseli Salette. **A construção histórica do conceito de metabolismo e a agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2024. 93 p.

CHAYANOV, Alexander. **A teoria das cooperativas camponesas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. 291 p.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002. 1102 p.

ROCHA, André Carlos de Oliveira; NOBRE, Henderson Gonçalves. Limites e perspectivas da transição agroecológica em assentamentos rurais no nordeste paraense. **Rev. Retrat. de Assent.**, v. 20, n.1, p. 275-306, 2017.

